

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Curso de Pedagogia

Fabiana Roberta de Souza

**O CONTROLE DA IRA: UMA VIRTUDE IMPORTANTE PARA O
COMEDIMENTO E O CONVÍVIO SOCIAL**

Maringá

2013

Fabiana Roberta de Souza

**O CONTROLE DA IRA: UMA VIRTUDE IMPORTANTE PARA O
COMEDIMENTO E O CONVÍVIO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia,
apresentado ao Centro de Ciências Humanas
Letras e Artes, da Universidade Estadual de
Maringá, como um dos requisitos para a
obtenção da Licenciatura em Pedagogia,
orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Terezinha Oliveira.

Maringá

2013

FABIANA ROBERTA DE SOUZA

**O CONTROLE DA IRA: UMA VIRTUDE IMPORTANTE PARA O
COMEDIMENTO E O CONVÍVIO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, como requisito parcial para cumprimento das atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Prof^ª Dr^ª. Terezinha Oliveira.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Terezinha Oliveira (DFE/ UEM)

Prof^ª. Ms. Elizabete Custódio da Silva Ribeiro (UNICESUMAR)

Prof^ª. Ms. Divania Luiza Rodrigues Kono (FECILCAM)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por estar sempre presente, me guiando e proporcionando o término da graduação e a realização desse trabalho. Em segundo lugar agradeço a minha mãe Sandra que sempre esteve presente em minha vida e no decorrer desses quatro anos, sempre incentivando, compreendendo os momentos difíceis e dando forças para permanecer e chegar até o fim dessa etapa. A minha gratidão vai também para meu namorado Lucas, que de maneira direta ou indireta sempre me apoiou, oferecendo forças para finalizar o curso.

Ao decorrer desses quatro anos foram surgindo as amizades, fazendo com que cada dificuldade fosse superada. Agradeço as colegas de classe, porém o meu eterno agradecimento é para: Andreia, Josiane e Taline, pois se tornaram amigas não somente dentro da faculdade, mas para a vida toda, foram muitos os momentos que passamos juntas no decorrer de cada semestre, foram pessoas que me ajudaram muito em diversas dificuldades.

Agradeço também a minha orientadora Terezinha Oliveira, por todo apoio e orientação transmitida, e por acreditar na minha capacidade para realizar esse trabalho.

O CONTROLE DA IRA: UMA VIRTUDE IMPORTANTE PARA O COMEDIMENTO E O CONVÍVIO SOCIAL

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as reflexões de Tomás de Aquino sobre um dos *Sete Pecados Capitais*. Nesse estudo selecionamos o pecado da ira como uma possibilidade de reflexão sobre o ensino, no âmbito da História da Educação. Este pecado nos remete ao equilíbrio, ou seja, ao controle da emoção, sendo que não podemos ter a ira em demasia, mas também não podemos não tê-la. Em relação à educação, enfatizaremos o pecado da ira como uma forma para se educar a sociedade, dando importância para o convívio social, no qual o comportamento do homem é expresso. Destacamos que para estas reflexões utilizaremos como linha teórica a história social, pois com o estudo de outros tempos históricos aprendemos que tudo o que existe nas relações sociais não é natural, mas fruto das ações humanas.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Ira. História da Educação.

CONTROL OF ANGER: AN IMPORTANT VIRTUE FOR RESTRAINT AND SOCIAL INTERACTION

ABSTRACT

This article aims to analyze the reflections of Thomas Aquino on the *Seven Deadly Sins*. In this study we selected the anger sin as an opportunity for reflection on teaching in the History of Education area. This sin brings us back to equilibrium, in other words, control of emotion, and we can not have too much anger, but we can not have it at all. Regarding education, we will emphasize the anger sin as a way to educate society, giving importance to social life in which human behavior is expressed. We emphasize that for these reflections we will follow the history, as with the study of other historical times we learned that everything that exists in social relations is not natural but the result of human actions.

Keywords: Thomas Aquino. Anger. History of Education.

1 Introdução

Neste estudo objetivamos analisar as reflexões de Tomás de Aquino sobre um dos *Sete Pecados Capitais*, de forma que compreenda os aspectos do comportamento humano que possam se referir e serem expressos em teorias educacionais. Assim, por influenciar as práticas pedagógicas associadas às expectativas da vida em sociedade, procuraremos compreender a atuação do mestre parisiense do século XIII, Tomás de Aquino. No decorrer do texto apresentaremos considerações sobre a Idade Média, especificamente o século XIII, os pecados capitais e, dentre eles, a ira como um dos aspectos das ações humanas necessários ao convívio social, buscando enfatizar os aspectos voltados à educação.

A linha teórica que seguimos foi a história social, abordada por Marc Bloch (2000) na obra *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Nessa obra, o autor nos mostra que para se entender as relações sociais do presente é muito importante que se conheça as raízes que a fundamentam e, indubitavelmente, estas estão fincadas no passado.

Para Bloch (2000), em cada época há novos temas que falam de suas próprias inquietações e crenças, levando a novas historicidades que evidenciam ações e relações sociais distintas das anteriores, mas que, de um modo ou de outro, têm os seus resquícios em outro tempo das relações sociais.

A história é a busca de ideias, informações, de acontecimentos dos quais o homem faz parte. Seu objeto não é o passado, mas sim o homem, ou melhor, os homens, e mais precisamente os ‘homens no tempo’, pois ele é o meio social e a matéria concreta da história (BLOCH, 2000).

Bloch (2000) enfatiza a importância do presente para a compreensão do passado. Assim, podemos nos remeter à importância dos dados que são transmitidos pelo professor em sala de aula, pois o mesmo leva aos alunos conhecimentos sobre os vários acontecimentos do passado e também contemporâneos, com o objetivo de que esses alunos compreendam o presente no qual estão inseridos e a partir dele possam agir frente à sociedade. Segundo Bloch “[...] o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas, o conhecimento do passado é algo em progresso, que constantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2000, p. 73).

Assim, certamente poderemos tecer essa imbricada relação entre passado/presente no que diz respeito ao uso da razão nas ações humanas, no qual podemos considerar que, em cada época, desenvolvem-se diferentes formas de se educar em virtude das vicissitudes

sociais, compreendendo que a educação visa sempre os valores culturais, religiosos, econômicos e políticos de determinado período.

Em decorrência dessa compreensão da história, abordaremos o contexto histórico em que viveu Tomás de Aquino. Em seguida, analisaremos a obra *De Magistro* (apud LAUAND, 2012) e, por fim, daremos ênfase ao pecado da ‘Ira’ e sua importância em relação ao comportamento de todos os envolvidos no ato de educar.

Utilizaremos a obra de Kant (2002) *Sobre a Pedagogia* para tratarmos da educação, enfatizando sua relação com o pecado da Ira, pois uma boa educação é aquela que deve trazer para a sala de aula o comedimento, o equilíbrio, a tolerância, o respeito, ou seja, os comportamentos essenciais para formar pessoas civilizadas futuramente. A escolha de Kant se justifica por ele trazer na referida obra um ‘manual’ de como devemos educar as crianças, quais os danos que uma má educação pode levar futuramente à vida dos alunos, e assim podemos tecer essa imbricada relação com o controle da ira, que é tão essencial para o uso da razão.

A educação diz respeito ao uso da razão, sendo que ela abrange desde os cuidados da infância até a sua formação, porquanto todo ser deve ser educado e instruído para tornar pessoas melhores no futuro, de acordo com os princípios da moralidade, da sociabilidade, do caráter e do respeito. A educação deve conduzir o homem para condutas corretas, para que se torne pessoa prudente e que saiba viver em sociedade e assim alcançar a ‘felicidade’. Segundo Kant (2002), para que o homem tenha uma boa conduta é necessário que ele caminhe para a moralidade, que ele seja ‘livre’, não se importando com preconceitos, aparência, enfim com, ‘o que outros pensam’.

Porém, Kant (2002) diz que isso só é possível a partir de uma boa educação, que começa com os pais. Eles devem educar de forma que, futuramente, seus filhos entendam os motivos pelos quais foram educados, para que assim haja o respeito, a tolerância com professores, com amigos, na profissão, entre outras circunstâncias.

Assim, considerando a ira como uma ação que, se usada pela razão, exercita o homem para o convívio social, pretendemos explicitar o quanto é importante o comedimento nos atos humanos. Como essas atitudes precisam ser ensinadas desde muito cedo, é importante estudar e ensinar textos como os de Tomás de Aquino na formação de professores.

Desse modo, pretendemos afirmar que não há uma forma correta de ensino, mas sim, aquela em que os homens desenvolvem em seu presente. Dentro desse princípio, podemos afirmar que o estudo do nosso objeto se justifica por demonstrar que os homens medievais

encontraram em sua história a forma de educar e que devemos, hoje, buscar nas questões de nosso tempo a melhor maneira para ensinar e aprender.

Podemos então relacionar o pecado da Ira com a educação que tanto Tomás de Aquino e Kant enfatizam, pois uma educação de qualidade é aquela onde os princípios de moralidade, respeito, justiça, tolerância, equilíbrio devem estar presentes na escola, sendo sempre ressaltado a importância de se utilizar a razão para as tomadas de decisão que envolvem o comportamento da pessoa.

2 A importância do comportamento para que os homens saibam viver em sociedade

Tomás de Aquino (2000) nasceu no ano de 1227, no Castelo de Rocca-Secca. A partir dos cinco anos estudou na Abadia de Monte Cassino. Aos treze anos ele foi para a Universidade, permanecendo por dois anos. Entrou como noviço na Ordem de S. Domingos, sendo que seus familiares faziam o possível para convencê-lo do contrário de sua decisão, por meio de ameaças e maus tratos.

Tomás de Aquino (2000) seguiu para a Colônia a fim de estudar filosofia com Alberto Magno, onde ambos foram para Paris, quando o sábio professor foi a convite, ocupar uma cátedra no Colégio de S. Giacomo. Em 1248 ambos voltaram para Colônia, ocasião em que Tomás de Aquino foi ordenado sacerdote.

Após dois anos, o Papa Gregório X o convidou a participar de um Concílio Geral em Lion, no intuito de reunir gregos e romanos na instituição. Em ‘Abadia de Fossa Nuova’, na Diocese de Ferracina, o santo veio a falecer. Dante Alighieri e Villani afirmam que Tomás de Aquino não teve morte natural e sim foi envenenado por Carlos d’Angio. Em 1323 Tomás de Aquino foi canonizado.

Os textos de Tomás de Aquino não envolvem apenas os sete pecados capitais que abrangem a religiosidade, mas podem ser entendidos também como uma forma de conduzir e organizar a sociedade em prol do bem comum. Para viver em comum nas cidades e para que floresça um ambiente de certa paz, era necessário que os homens fossem tolerantes. A prudência era uma das condições para que os indivíduos desenvolvessem o espírito de tolerância. No entanto, como a prática da tolerância não é natural aos homens, ela necessita ser ensinada por meio da prudência.

Para entender o pecado devemos nos fundamentar em Tomás de Aquino, que esclarece que “[...] o desejo de conhecer é natural ao homem, e tender ao conhecimento de acordo com

os ditames da reta razão é virtuosismo e louvável: ir além dessa regra é pecado da *curiositas*, ficar aquém dela é pecado da negligência” (LAUAND, 2004, p 35). Podemos entender que o princípio para o homem não pecar está na razão. Os atos realizados de forma comedida não se caracterizam como pecado, o que o leva a este estado é a extrapolação dos limites, o qual se dá pela falta de consciência ou razão. Conforme Aquino (2009, p. 525) “Por isso a ira, entre as outras paixões é a que impede, com mais evidência, o uso da razão, segundo diz o Salmo 30: ‘Minha visão se perturbou com a ira’”.

Segundo Lauand (2000), o pecado pode ser entendido como uma ação desordenada acarretada pelo abandono às regras da razão. Os pecados que são mais difíceis de serem submetidos a razão são os oriundos dos prazeres naturais, como o de beber e de comer. O ato de comer e beber em si, quando realizados com moderação, com a finalidade de manutenção da vida corpórea, não é pecado, porém, comer e beber de forma desenfreada, sem controle, é prejudicial ao indivíduo, porque faz com que ele não aja pela razão, mas pela paixão.

Na Idade Média a luxúria era condenada pela doutrina cristã. Segundo Tomás de Aquino, quando a luxúria prevalece, ela pode implicar na ausência da razão e a supremacia da vontade impera. Assim, tanto a luxúria como a gula pertenceriam às coisas sensíveis, devido seus prazeres estarem presentes no tato (comidas e prazeres eróticos), por isso são consideradas vícios capitais.

Segundo Lauand (2012), a soberba se encontra em qualquer outro pecado. Em dependência dela, se situam os sete vícios capitais, dentre os quais a vaidade é o que lhe é mais próximo. A preguiça seria aquela tristeza sonolenta do coração que não se julga capaz de realizar aquilo para que Deus criou o homem, e a avareza está subordinada a fraude e o engano.

Tomás de Aquino na *Suma de Teologia*, ao tratar da ira na questão 46, a considera como os demais pecados, sendo que a mesma só se torna pecado quando falta o uso da razão. A razão é comparada ao equilíbrio de sua constituição física, na medida em que a bília interfere diretamente nela. A ira no homem é o desejo de vingança, sendo que, mais uma vez, é a razão que definirá se o homem praticará ou não pecado. Ou seja, o pecado sempre está à margem da razão, podendo ser entendido como uma ação desordenada acarretada pelo abandono às regras da razão.

O homem tem disposição para a ira por ter uma complexão biliosa. É a bília que, entre os outros humores, mais depressa se move: é comparada ao fogo. Assim mais prontamente se irrita quem é disposto por natureza para a ira, do

que deseja a concupiscência quem é disposto para a concupiscência (AQUINO, 2009, p. 523-524).

Ao lermos Tomás de Aquino apreendemos que a ira pode ser considerada sob dois aspectos: mental e material, sendo que o primeiro procede de um desejo de vingança e o segundo das alterações fisiológicas. O aspecto formal nos remete à vontade, sendo ela boa ou má, enquanto o aspecto material é uma inquietação do coração, podendo esta impedir que o homem use a razão, pois a razão é o principal bem para a virtude. “E assim para a virtude do homem se requer que o impulso para a justa vingança não só afete a parte racional da alma, mas também sensitiva e o próprio corpo, e o que o próprio corpo seja movido para servir à virtude” (LAUAND, 2000, p. 97).

A ira é um vício capital, podendo ser iniciada pela rixa, perturbação da mente, insultos, clamor, indignação e blasfêmia, considerando-a de acordo com o que ela é no coração, na boca e nas ações. Assim sendo, ela pode surgir de um vício sofrido pela injustiça, algo que o homem indignado pode considerar como injusto, requerendo vingança e, a partir daí, ocorrer então à perturbação da mente.

O que é muito claro no amor e no ódio: amamos alguém, quando queremos que um certo bem nele esteja; mas o odiamos, quando queremos que algum mal nele esteja. O mesmo sucede com a ira; quem está irado, busca vingar-se de alguém. Por isso, o movimento da ira tende para duas direções: para a vingança, que deseja e espera como se fosse um bem, e por isso tem prazer na vingança; e para a pessoa de quem procura se vingar, como se fosse contrária e nociva, o que pertence à razão de mal (AQUINO, 2009, p. 519).

A ira, de certo modo, escuta a razão que adverte que lhe foi cometida uma injustiça, mas não a escuta perfeitamente. Portanto, a ira requer algum ato da razão, mas lhe acrescenta um obstáculo para alcançá-la.

Da ira nasce a blasfêmia, ou seja, no momento em que a pessoa não utiliza a razão, talvez por estar indignada com algo, ela poderá ser contra o próximo. Nesse sentido, o autor mostra dois graus de efeito, sendo o clamor, isto é, o falar confuso e desordenado que indica o estado de ira e o insulto, quando alguém diz palavras insultuosas e agressivas. Nas ações, por seu turno, a ira pode resultar ferimentos, homicídios, entre outros.

Como já citado anteriormente, a ira está relacionada ao uso da razão. No livro de Lauand (2000), ele cita Gregório Magno, no qual, afirma ser necessário o cuidado para que a ira não domine a mente e não deixe de seguir a razão, pois a ira é instrumento da virtude quando está contida na razão.

Deste modo, é por meio da educação que os homens aprendem a pensar de maneira reflexiva e, a partir de então, entendem o funcionamento da sociedade e podem fazer parte dela como sujeitos.

Para Tomás de Aquino não existia ‘receitas’¹ para bem agir, porque a prudência versa sobre ações no ‘aqui e agora’. Nas questões sobre o ensino, o Mestre analisa a importância do conhecimento na formação das atitudes dos homens.

Tomás de Aquino, na *Suma de Teologia*, traz um exemplo de que quando uma flecha se move para o alvo, a mesma é dirigida pelo arqueiro que conhece o fim, sendo que a flecha não o conhece. Assim é também o professor que ensina ao aluno um conhecimento que ainda não lhe foi ensinado.

Para Tomás de Aquino, o professor é a causa do conhecimento dos alunos. Sendo que ele deve ter domínio do seu conteúdo para que assim possa ensinar os seus alunos e levá-los ao ato de aprender.

Ora, no ato de ensinar encontramos uma dupla matéria, o que se verifica até gramaticalmente pelo fato de que ‘ensinar’ rege um duplo acusativo: ensina-se - uma matéria - a própria realidade de que trata o ensino e ensina-se - segunda matéria - alguém, a quem o conhecimento é transmitido. Em função da primeira matéria, o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa; em função da segunda, da ativa. Porém, quanto ao fim, o ensino é exclusivamente da vida ativa, pois sua última matéria, na qual se atinge o fim proposto, é matéria da vida ativa. Daí que pertença à vida ativa mais do que à contemplativa, se bem que de algum modo pertença também à vida contemplativa, como dissemos (LAUAND, 2000, p. 61).

Para Tomás de Aquino, ‘prudência’ quer dizer ver a realidade e, com base nela, decidir corretamente, não com base em interesses oportunistas, em sentimentos piegas, em impulsos, em temores, em preconceitos, mas unicamente com base na realidade. Além de ver a realidade, Tomás de Aquino também trata da realidade transformada em ação, ou seja, de nada adianta sabermos o que é bom e não realizarmos as ações que convir para esse bem.

A partir da prudência podemos examinar as memórias do passado e as circunstâncias para que possamos tomar uma boa decisão. Tomás de Aquino (2005) diz que a virtude da prudência indica que cada pessoa é responsável em suas decisões para atingir um fim determinado, e sendo a prudência a reta razão aplicada ao agir, é necessário que seu processo decorra da inteligência. Por isso, a circunspeção é necessária para a prudência: para que o homem avalie o que conduz ao fim em função das circunstâncias.

¹ A expressão ‘receita’ é de nossa inteira responsabilidade, já que Tomás de Aquino não usa esta expressão.

Kant (2002) quando trata da educação, se refere à melhoria de cada uma das gerações futuras, nas quais cada uma dá um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade.

A educação precisa ser aperfeiçoada por várias gerações. Pois cada uma delas, com o passar do tempo, estará sempre melhor ornada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais do seu tempo.

Os conhecimentos dependem da educação, por isso, ela só poderá surgir na medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescenta algo de seu e os transmite à geração que lhe segue.

Muitos entendem a disciplina como uma forma de encaminhar as crianças desde cedo à escola, não para que aprendam algo, mas para que se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente aquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos.

Um princípio de pedagogia, o qual, mormente os homens que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação (KANT, 2002, p. 22).

A educação deve também cuidar para que o homem se torne prudente, sendo que essa espécie de cultura pertence àquela chamada de civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins. A educação e a instrução não devem ser puramente mecânicas, mas devem apoiar-se em princípios. Entretanto, não é suficiente treinar as crianças: urge que aprendam a pensar. Devem-se observar os princípios dos quais todas as ações derivam.

O homem é um ser de natureza racional e a palavra racional não quer dizer apenas a capacidade de raciocinar, mas todas as capacidades superiores do homem: inteligência, amor, moralidade, religiosidade, percepção do universal, consciência de si mesmo, introspecção, cultura e progresso. Em virtude disso é que, potencialmente, podem aprender e ensinar o uso da razão com vistas à vida em sociedade.

Assim, podemos verificar que o pecado da Ira deve conter seu lado ponderado e não abranger seu sentido de extrapolação², no qual ultrapasse os limites da razão, pois de acordo com Kant (2002, p. 33):

² O termo extrapolação quer dizer enfiar-se, ir além do que é natural e conveniente.

Aqui se deve ter presente as seguintes regras: 1. É preciso dar liberdade à criança desde a primeira infância e em todos os seus movimentos (salvo quando pode fazer mal a si mesma...), com a condição de não impedir a liberdade dos outros..., incomodando os outros. 2. Deve-se lhe mostrar que ela pode conseguir seus propósitos, com a condição de que permita aos demais conseguir os próprios [...]. 3. É preciso provar que o constrangimento, que lhe é imposto, tem por finalidade ensinar a usar bem da sua liberdade, que a educamos para que possa ser livre um dia, isto é, dispensar os cuidados de outrem.

Portanto, entendemos que o aluno deve ter liberdade em tudo o que faz, sendo que o professor deve intervir quando verificar que algo não está beneficiando o aprendizado da criança, conforme o ensinar, a finalidade e o objetivo do que ele deseja que o aluno aprenda. Conforme Kant (2002), prejudica as crianças satisfazer as suas vontades e as educa muito mal quem vai sempre ao encontro de suas vontades e desejos. Pois o trato mimado acarreta-lhes grande dano por toda a vida, sendo que todos os pais e educadores precisam saber disso.

É dever das pessoas próximas (familiares e professores) fazer com que a criança perceba seus defeitos, mas, ao mesmo tempo, não deixando transparecer demais a nossa superioridade e autoridade, para que ela se forme por si mesma.

Deve-se procurar desde cedo inculcar nas crianças, mediante a cultura moral, a ideia do que é bom ou mal. Se se quer fundar a moralidade, não se deve punir. O primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter. O caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Em princípio, a criança obedece a leis. Nenhuma transgressão da lei da escola deve ficar impune, mas seja a punição sempre proporcional à culpa. As crianças devem ser instruídas apenas naquelas coisas adaptas à sua idade.

De tal modo, o homem reconhece que a sua conduta correta é a única que pode torná-lo digno de felicidade. A lei divina deve aparecer ao mesmo tempo como lei natural, pois que não é arbitrária. A religião adentra, pois, na moralidade. A lei, considerada em nós, se chama consciência. A consciência é de fato a referência das nossas ações a essa lei.

A importância da pesquisa está no que Tomás de Aquino nos mostra em relação ao ensino, sendo que ensinar é reconhecer a estima do conhecimento. É admirável compreender sua importância para que os educadores conheçam, previamente, o que pensam os alunos, uma vez que na concepção dos alunos, os professores exercem uma grande influência sobre seus valores. Entende-se que ampliar esses estudos seria um aspecto positivo para se ter uma

visão melhor dos valores que circulam dentro de toda a instituição, do qual o grupo faz parte, e também para se obter um perfil dos alunos da instituição.

Na obra *Sobre o Ensino (De Magistro) – Os Sete Pecados Capitais*, traduzida por Jean Lauand, é acrescentada uma análise do Filósofo alemão Joseph Pieper, o texto *Uma explicação especial para a ira e a acídia* (LAUAND, 2000), no qual mostra que nem sempre a ira pode ser considerada um pecado, sendo que ela também pode estar a favor da virtude em algumas ocasiões.

A consciência comum cristã costuma, sempre que se fala de ira, ter em mente apenas o aspecto da intemperança, o elemento desordenador e negativo. Mas tanto como ‘os sentidos’ e a ‘concupiscência’, a ira pertence as máximas potencialidades da natureza humana. [...] (LAUAND, 2000, p. 70).

Segundo Lauand (2000), Tomás de Aquino afirma que a ira foi dada aos seres humanos para aprenderem a passar por obstáculos, para que assim alcancem seus objetivos, ou seja, para se alcançar um bem ou um mal é a ira quem permite e que dá a força de defesa e de resistência da alma.

3 Considerações Finais

Entendemos que a ira é demasiadamente prejudicial ao comportamento do homem, podendo levá-lo a não empregar a razão conscientemente em suas escolhas e nas suas atitudes, mas, ao mesmo tempo, devemos apresentá-la com prudência em nosso comportamento, no qual, mostramos por meio da nossa atuação na sociedade a nossa vontade.

Daí que Gregório (Moral. V, 45) afirme: “É necessário o máximo cuidado para que a ira, que deve ser instrumento da virtude, não domine a mente, mas que, como serva pronta a obedecer, não deixa de seguir razão, pois quanto mais sujeita à razão, tanto mais veementemente se ergue contra os vícios” (LAUAND, 2000, p. 97-98).

Este pecado nos remete ao equilíbrio, ou seja, ao controle da emoção. O professor deve mediar, por meio do ensino, que devemos nos posicionar perante a algum acontecimento, ou seja, mostrar nossas ideias contrárias ou não ao que está acontecendo. Isso indica que não podemos ter a ira em demasia, mas também não podemos não tê-la.

Deste modo, para o professor ensinar ele deve dar ênfase à importância do convívio social, verificando o comportamento dos alunos em relação às suas vontades, sendo que não deve julgá-los, mas sim orientá-los para um convívio justo. Ao mesmo tempo em que incute o

conhecimento no aluno, mas não no sentido de que o mesmo conhecimento que está no professor passe para o aluno, mas porque neste, pelo ensino se produz passando de potência para ato um conhecimento semelhante ao que há no professor.

[...] Ora, o processo pelo qual a razão chega ao conhecimento mediante a descoberta de coisas desconhecidas consiste em aplicar princípios gerais evidentes a determinadas matérias e daí chegar a algumas conclusões particulares, e destas, por sua vez, chegar a outras etc. E é por isto que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava [...] (LAUAND, 2000, p. 32).

Entendemos que o professor é um mediador de saberes para com o aluno, pois além de ensinar as disciplinas ele deve estar atento à realidade da criança, estar atualizado ao que acontece ao seu redor. Assim, percebemos que ele também pode conduzir o comportamento dos alunos, ou seja, voltar o olhar de cada um deles para uma reflexão crítica dos acontecimentos.

4 Referências

AQUINO, T. **A Pedra filosofal e a arte da alquimia**: seguido do tesouro secretíssimo de Frei Reginaldo. Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.

AQUINO, T. **A prudência**: a virtude da decisão certa/ Tomás de Aquino; tradução, introdução e notas Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AQUINO, T. Questão 46 Ira. In: **Suma de Teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, Sessão II. Parte II, Vol. VI.

BLOCH, M. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

LAUAND, L. J. Estudos introdutórios. In: TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De magistro), os sete pecados capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAUAND, J. S. **Tomás de Aquino e Os Pecados Capitais**: Pecados capitais: uma elaboração teológica da experiência antropológica. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm>>. Acesso em: 26 out. 2012.